



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

O FANTÁSTICO MUNDO DA LITERATURA INSÓLITA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

THE FANTASTIC WORLD OF UNLIMITED LITERATURE AND THE TRAINING OF THE READER

Sandra Rocha Martins¹
Fabianna Simão Bellizzi Carneiro²

Resumo:

Partindo da hipótese de que o letramento literário é um fenômeno que vai além da escrita e suas concepções formais, nosso trabalho tem como intuito analisar o letramento literário à luz das teorias que versam sobre a literatura fantástica, tentando evidenciar a sua importância na formação de leitores e formação do indivíduo. Sublinharemos a necessidade do conhecimento do termo letramento, assim como a necessidade da prática da leitura literária para a sua efetivação. Especificamente objetivamos ressaltar a importância da literatura fantástica enquanto provedora de um letramento literário mais humanizado, mais crítico e consciente. Nossa pesquisa será embasada nos suportes histórico-críticos de Soares (2014), Cosson (2016), Kleiman (2012), Paiva e Rodrigues (2008), dentre outros.

Palavras-chave: Leitura. Letramento Literário. Literatura Fantástica.

Abstract:

Based on the hypothesis that literary literacy is a phenomenon that goes beyond writing and their formal conceptions, our work aims to analyze literary literacy in the light of theories that deal with fantastic literature, trying to highlight its importance in the formation of readers and the formation of the individual. We will underline the need for knowledge of the term literacy, as well as the need to practice literary reading for its effectiveness. Specifically, we aim to emphasize the importance of fantastic literature as a provider of more humanized literary literacy, more critical and aware. Our research will be based on the historical-critical supports of Soares (2014), Cosson (2016), Kleiman (2012), Paiva e Rodrigues (2008), among others.

Keywords: Reading. Literary Literacy. Fantastic literature.

Introdução

¹ Graduada em Letras, Português, pela Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, e discente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da mesma instituição. E-mail: sandra-rocha78@hotmail.com.

² Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Docente Permanente da Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da mesma instituição. E-mail: fabiana_bellizzi@yahoo.com.br.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

A leitura é vista como mola propulsora para a interação do indivíduo na sociedade, uma vez que ela também contribui e auxilia no processo do bem falar e escrever. Acreditamos, pois, que o ato de ler é de fundamental importância a toda sociedade letrada, uma vez que incide diretamente na formação do cidadão. A grande problemática é que o hábito da leitura vem se tornando cada vez mais restrito, ora em vista do desinteresse por parte do leitor ora porque seu contato se torna cada vez mais reduzido e limitado com a diversidade das obras literárias disponíveis. Em vista disso, perguntamo-nos: de que forma a literatura fantástica pode despertar a atenção do leitor e colaborar na formação do hábito da leitura?

Entendemos, dessa maneira, que enquanto profissionais do *letramento*, não basta apenas mediar o conhecimento em prol do domínio da escrita, devemos fomentar nos alunos, em contrapartida, resultados mais complexos relacionados ao universo da escrita, e para isso é de suma importância fornecermos uma leitura crítica dos acontecimentos sociais que nos rodeiam. É indispensável e urgente refletirmos sobre um ensino efetivo que privilegie a formação de cidadãos que não sejam alheios à realidade, ao convívio em sociedade e suas implicações. Ressaltamos que a presente discussão aqui proposta por nós, é parte de uma investigação maior, ainda em desenvolvimento.

Pensando nisso, objetivamos analisar, por meio de pesquisa bibliográfica/ revisão de literatura, a importância da literatura fantástica na formação de sujeitos leitores, partindo da constatação de que essa narrativa parece ser pouco explorada e conhecida, até mesmo no âmbito escolar. Ao mesmo tempo, almejamos evidenciar que tal literatura funciona como provedora de um letramento literário mais humanizado, mais crítico e consciente. Sublinhamos também, a necessidade do conhecimento do termo letramento, que fora introduzido em nosso vocabulário há poucas décadas e é recente em nosso país. Em vista das poucas pesquisas relacionadas a esse assunto, acreditamos que poderemos dar nossas contribuições a essas já existentes, especificamente as que imiscuem o letramento e as narrativas categorizadas dentro da vertente fantástica.

Desse modo, tentando auxiliar em como o letramento literário pode colaborar para as transformações das práticas sociais, discorreremos sobre o termo letramento e suas principais definições. Inicialmente, faremos um breve relato de seu contexto histórico e seu surgimento. Em seguida, falaremos da importância desse termo e, na sequência, relataremos como este pode servir de auxílio, a partir da literatura fantástica, na formação do leitor. Pretendemos, por fim, desenvolver reflexões relacionadas ao termo, assim também como colaborar com professores e pesquisadores que trabalham com o mesmo pressuposto e principalmente, nessa prática em sala de aula.

Letramento e formação do leitor: breve contexto histórico e definição

Antecedente às nossas reflexões sobre as práticas de letramento, o fantástico e a formação do leitor, encontra-se a própria definição do termo *letramento*, cuja aparição nos estudos da linguagem, e também, de certo modo, nos estudos literários, fora introduzido num passado próximo, em meados da década de 1980. Verificamos com Soares (2014, p. 15, *grifo da autora*), que “uma das primeiras ocorrências está em livro de Mary Kato, de 1986, *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*”, por meio do qual ela relata que a linguagem culta



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

é fruto do letramento, isso devido ao fato de esse termo acarretar transformações tanto na concepção da língua falada quanto impactar na linguagem escrita, pois fala e escrita se complementam.

Por sua vez, em 1988, Leda Verdiane Tfouni, na obra *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*, tenta diferenciar os termos *alfabetização* e *letramento*, e pode ter sido após este momento que essa diferenciação tenha ganhado força na área da linguística, propiciando a utilização mais frequente da palavra letramento na escrita dos especialistas. Soares (2014) ainda questiona qual fator social teria gerado a necessidade de um termo que fosse mais abrangente que a alfabetização. Tentando responder a essa questão, ela diz que, embora a palavra letramento tenha sua singularidade, este termo ainda não pode ser dicionarizado, pois todos os significados encontrados nos verbetes dos dicionários mais antigos são bem diferentes do significado que é atribuído à palavra hoje. Dessa forma, ela busca o significado do termo a partir da palavra inglesa *literacy*, advinda do latim *litera*, com o significado de qualidade ou condição.

literacy é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. Em outras palavras: do ponto de vista individual o aprender a ler e escrever [...] tem consequências sobre o indivíduo, altera seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos; do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então ágrafo tem sobre esse grupo efeitos de natureza social, cultural, política, econômica, linguística. O 'estado' ou a 'condição' que o indivíduo ou grupo social passam a ter, sob o impacto dessas mudanças, é que é designado por *literacy* (SOARES, 2014, p. 17-18, grifo da autora).

Dessarte, letramento refere-se ao resultado do domínio da leitura e da escrita, tanto em um grupo social quanto de forma individual. Contudo, ainda considerando a necessidade do surgimento desse novo termo e de seu significado tão complexo, Soares (2014) mostra que o termo mais antigo, o alfabetismo, diferente do letramento, é uma palavra dicionarizada embora seu uso não seja vigente. Esse pode ter sido o fator de se ter utilizado o termo *literacy*, do inglês, como uma definição, pois esta já designava o significado da nova palavra, letramento.

Ao mesmo tempo, não é possível falar sobre o contexto histórico do letramento sem considerar a relevância da palavra *analfabetismo*, cujo significado contrário ao alfabetismo, designa "o estado ou condição de analfabeto" (SOARES, 2014, p. 19). Em vista dessa definição carente de detalhes e insuficiente para englobar a complexidade do processo 'leitura-escrita', com o passar do tempo, surgiu a necessidade de outros termos que representassem novos fatos e conceitos que pudessem ampliar as condições de enfrentamento dessa questão no ambiente escolar, ambiente que se redesenhava na virada do século XX para o século XXI.

A partir de então, estudiosos da área de Educação passaram a contestar o termo analfabeto enquanto designador daquele que não dispõe do conhecimento da leitura e escrita, e que de certa forma, é marginalizado socialmente. Só recentemente que este modelo antagônico começou a ser questionado, provavelmente devido à nova realidade do nosso contexto social,



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

pois não bastava apenas saber ler e escrever, mas também responder às necessidades impostas constantemente pela sociedade no que tange à leitura e à escrita, surgindo então, o termo letramento como uma ruptura da noção de alfabetismo.

No Brasil, origina-se a noção de letramento face a alfabetização no final do século XX, e com ele uma nova forma de ver a leitura e a escrita: agora, não apenas como a decodificação dos signos linguísticos, mas como a introdução nas práticas sociais de leitura e escrita. Ainda que o objetivo de nossa pesquisa não seja voltado a definições mais precisas sobre alfabetização, faz-se necessário averiguar a diferença entre os dois termos, pois ambos estão imbricados. Em suma, pesquisas voltadas ao conhecimento de ler e escrever nas séries iniciais tratam-se de alfabetização, e as que tentam mostrar as práticas de leitura e escrita no âmbito ou em grupos sociais são sobre o letramento. Assim, a alfabetização aborda questões restritas a um período da vida, enquanto o letramento abrange a vida toda.

A alfabetização seria estática, enquanto o letramento é dinâmico. Veja como isso se dá: há apenas um nível de alfabetização que supõe a aquisição da escrita e da leitura, já o letramento obedece a distintos níveis, indo do mais elementar ao mais elevado. Acreditamos que a alfabetização seja o nível mais elementar do letramento, e que quando o indivíduo chega ao ensino superior, atingiu o nível mais elevado. Logo, um indivíduo pode não dominar a leitura e a escrita, mas pode ser letrado, pois mesmo não dominando os códigos ‘grafocêntricos’, vive rodeado do mundo da leitura e da escrita. Essa é a diferença entre letramento e alfabetização, mostrando a necessidade “de uma clara concepção desses fenômenos e de suas diferenças e relações” (SOARES, 2014, p. 25).

Kleiman (1995, p. 16) observa que essa definição começou a ser usada com o intuito de dissociar as repercussões sociais da escrita das pesquisas relacionadas à alfabetização, nas quais as aceções escolares relevam as habilidades individuais no uso e na prática da escrita:

Os estudos sobre letramento, no entanto, examinam o desenvolvimento social que acompanhou a expansão dos usos da escrita desde o século XVI, tais como a emergência do Estado como unidade política, a formação de identidades nacionais não necessariamente baseada em alianças étnicas e culturais, as mudanças socioeconômicas nas grandes massas que se incorporaram às forças de trabalhos industriais, o desenvolvimento das ciências, a dominância e padronização de uma variante de linguagem, a emergência da escola, o aparecimento das burocracias letradas como grupos de poder nas cidades, enfim, as mudanças políticas, sociais, econômicas e cognitivas relacionadas com o uso extensivo da escrita nas sociedades tecnológicas.

Em passos lentos, os estudos cresceram tentando explicar a situação da escrita e quais os fatores determinantes das práticas de letramento em grupos minoritários e em sociedades pouco desenvolvidas que iniciavam a utilização da escrita como tecnologia de comunicação dos grupos dominantes. O fato é que com o surgimento de novos fenômenos da/na linguagem, novas interações sociais, bem como a entrada de grupos não exclusivamente elitizados na escola, tornou-se necessário o surgimento de novos termos que definam um fato ou ideia, por isso a importância de nomear esse acontecimento.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Letramento: Resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais (SOARES, 2014, p. 39).

Nota-se então, que letramento é bem mais amplo que alfabetização, pois é dele que o indivíduo adquire um modo de se inserir nas mais diversas situações que envolvem a leitura e suas práticas sociais. A superação do analfabetismo em nosso país e a necessidade social da escrita nos mais variados contextos resulta em um número maior de indivíduos que aprendem a ler e a escrever, ou seja, que são alfabetizados. Mas essa condição de ‘alfabetizados’ não os faz ter práticas de leitura e escrita frequentes, o que os leva a certas dificuldades ao precisarem redigir ou ler textos no cotidiano. Assim, essas mudanças, juntamente com as necessidades do desenvolvimento sociocultural, político e econômico, demandam níveis mais aprofundados das práticas de leitura e de escrita na sociedade.

Nessa mesma direção, Tfouni (1995) relata que foi necessário falar de letramento a partir da conscientização entre os linguistas de que existia algo mais amplo e mais determinante que a alfabetização, o que torna mais difícil o seu conceito. Acontece que a sociedade letrada tem mudado significativamente com o passar dos séculos, principalmente com a invenção da imprensa, o que fez com que houvesse considerável expansão tecnológica, cultural, industrial e econômica, gerando múltiplos modos de produzir e distribuir os bens materiais e culturais, com formas cada vez mais sofisticadas de valores e padrões na maneira de agir dos indivíduos e dos grupos sociais com o material escrito. A exemplo, destacamos a *cibercultura*, outro espaço de leitura e escrita que não dispõe da tecnologia tipográfica, mas sim da digital.

Tanto a leitura quanto a escrita envolvem múltiplas habilidades e conhecimentos linguísticos e psicológicos, todos distintos entre si, além de diversas utilidades com a grande quantidade de material escrito existente. Assim, ler é a capacidade de decodificação dos símbolos linguísticos até a capacidade de interpretação de textos escritos, e escrever seria a competência de reproduzir sons até a habilidade de dialogar corretamente com um leitor em potencial. As distinções dessas habilidades indicam “tipos e níveis de habilidades e conhecimentos, utilizados para ler e escrever uma multiplicidade de tipos de material escrito, com múltiplos objetivos e funções, em também múltiplos contextos e situações” (MORTATTI, 2004, p. 101). Desses processos complexos dá-se a complicação da definição do termo letramento principalmente no campo social e individual e nas suas relações com a alfabetização e a educação na escola.

Considerando as dimensões do letramento e as abordagens sobre suas perspectivas e análises, Mortatti (2004, p. 105) relata que saber ler e escrever não garante um maior nível de letramento, assim como não existe um único tipo de letramento, pois ele é “um conjunto de práticas sociais em que os indivíduos se envolvem de diferentes formas, de acordo com as demandas do contexto social e das habilidades e conhecimentos de que dispõem”. Letramento, portanto, é um *continuum*, ou seja, um processo duradouro em que o resultado final não é definido nem fixado. Por outro lado, precisamos considerar que letramento não substitui o termo alfabetização e que, além disso, a alfabetização não é condição para o letramento.

Em vista disso, o modelo autônomo de letramento que deveria ser determinante nas práticas escolares, teria a aprendizagem da escrita sem estar relacionada a desigualdades entre



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

a oralidade e a escrita, ou seja, a escola deveria considerar as dificuldades que o aluno em fase de letramento traz de casa, em momento antecessor à sua entrada na escola. Sabemos que ler e escrever não é o suficiente, sendo imprescindível, portanto, que o domínio da leitura e da escrita responda a todas as necessidades que inserem o indivíduo em suas teias sociais. Assim, atividades em sala de aula devem ser produzidas de forma a alfabetizar na condição do letramento, incluindo também habilidades para o uso eficaz da tecnologia da escrita.

Nesse sentido, Paiva e Rodrigues (2008) mostram que, conforme há um crescimento nas pesquisas relacionadas ao letramento, faz-se necessário considerar a aplicação desse conceito na literatura, na certeza de que há uma especialidade na leitura literária, tanto na realizada quanto na pretendida. Outrossim, é sabido que a leitura na escola ainda é um processo desafiador, devendo-se atentar ao fato de que o primeiro contato do aluno com a literatura na escola ocorre nas séries iniciais, com a literatura infantil, que também sofreu várias mudanças ao longo dos séculos. Seu crescimento se deu com o modelo novo de escola que surgiu nos séculos XVIII e XIX, momento em que a literatura era vista como instrumento pedagógico com pretensão de moralizar, pois os livros continham grande intuito educativo.

Nos dias atuais é importante refletir sobre a literatura infantil quanto a sua condição de arte literária muito mais voltada para o desenvolvimento crítico que moral do aluno, bem como a forma com que a escola se apropria do gênero, “ou seja, o processo de didatização e escolarização pelo qual passam as obras quando chegam à escola” (PAIVA; RODRIGUES, 2008, p. 105). Felizmente, no grande percurso trilhado na edição de livros infantis, vemos uma forte direção em desamarrarmos os laços moralizantes e formarmos leitores mais críticos. Mas a escola ainda é o principal lugar de formação de leitores, cabendo a ela desenvolver práticas de leitura nos estágios de ensino. Embora muitos professores busquem outras formas relevantes para se trabalhar com a literatura, grande parte das indicações de leituras em sala de aula ainda tem função didático-pedagógico.

Por outro lado, a escola, muitas vezes, deixa de aproveitar a experiência ficcional iniciada em casa, no contato com adultos e outras crianças, em que se contam histórias, recitam-se parlendas, brinca-se de trava-língua. Experiência que, se bem aproveitada, deveria ser intensificada com a entrada na escola. No diálogo professor-mediador/aluno-leitor é preciso ainda superar a assimetria existente na relação criança/adulto, buscando instaurar uma outra relação que considere as características cognitivas, sociais e afetivas das crianças. Dessa forma, a literatura infantil, com seu potencial renovador característico da criação artística, pode propiciar a ampliação da visão de mundo e um refinamento na compreensão de vivências por parte das crianças (PAIVA; RODRIGUES, 2008, p. 107).

Cabem-nos alguns questionamentos: qual seria então, a ocupação da literatura em meio aos tipos de textos, imagens e diversidade de produtos culturais, além dos trabalhos com os gêneros textuais que estão presentes na didática escolar? E como conseguir essa divisão uniforme garantindo um local essencial para a formação literária do leitor? Para tanto, torna-se fundamental que se tenha opções relevantes e específicas de gêneros e temas literários. O ideal é que, a partir das dúvidas e das vivências do dia a dia, o ambiente escolar seja capaz de revitalizar os valores e as crenças das crianças. E nessa diversidade, a escolha do material



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

didático e do método de ensino a ser aplicado em sala de aula deve, durante a leitura, levar à evolução do letramento literário, contribuindo ao crescimento dos gêneros e à multiplicidade dos temas ficcionais e poéticos.

Letramento literário e literatura fantástica

Quando se fala da importância da leitura, principalmente da leitura literária, Zilberman (2005, p. 82) mostra que “[...] a literatura se produz em nome dela, porque seu efeito é esse: à literatura compete a emancipação da humanidade de suas amarras naturais, religiosas e sociais”. Essa seria a consequência da experiência com a leitura, a qual leva o leitor a um novo modo de ver as coisas, além de ampliar o campo do comportamento social a outros horizontes, abrindo caminho a experiências futuras. Assim, a leitura tem como função emancipar o leitor, e esse processo se dá na experiência literária do leitor em relação a sua vida prática, fornecendo-lhe uma nova compreensão/visão de mundo, repercutindo em seu comportamento social.

O universo literário possui múltiplos pontos de incerteza. Tudo que constitui esse mundo não é acabado e precisa que o leitor, para sua compreensão, os complete. A participação do leitor é caracterizada no preenchimento dos pontos indeterminados, mas sem a certeza de estar com a visão correta. E quando o leitor consegue preenchê-los, “concretiza as expectativas do mundo ficcional representado” (ZILBERMAN, 2005, p. 84). Contudo, essa relação ‘leitura-literatura-leitor’ vai um pouco mais além. Existe um outro fator relevante que possibilita a execução da aprendizagem e da relação com a prática da leitura, cabendo assim à escola um papel de suma importância para essa prática.

Cosson (2016) indica que a conexão entre literatura e escola está longe de ser amigável. Há rumores de que o lugar da literatura na escola vem enfrentando um grande obstáculo. Para alguns pesquisadores ele está relacionado à tradição e à falta de flexibilidade curricular, sendo de certa forma, um produto ultrapassado para os dias atuais: “a multiplicidade de textos, a onipresença das imagens, a variedade das manifestações culturais, entre tantas outras características da sociedade contemporânea, são alguns dos argumentos que levam à recusa de um lugar à literatura na escola atual” (COSSON, 2016, p. 20). Ao mesmo tempo, a literatura serve tanto para a aprendizagem da leitura e da escrita quanto para a formação cultural do indivíduo.

A leitura por si só não é o suficiente para essa formação. É necessário que em conjunto com as práticas de leitura sejam ampliadas interpretações e atividades que favoreçam o programa de leitura literária, para que seja promovido o letramento literário. No âmbito escolar, a literatura é um meio específico de conhecimento, mas para que isso ocorra, ela deve ser usada de maneira adequada. A leitura e o acesso entre o mundo do leitor e o mundo do outro e a significância e o sentido do texto só se dão quando essa passagem se efetiva. É necessário estar acessível à diversidade do mundo e ao potencial da palavra que diz a significância da leitura. “O bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um monólogo. Por isso, o ato de ler pode até ser solidário, mas nunca deixa de ser solidário” (COSSON, 2016, p. 27).

A leitura literária é tratada como ato individual, mas pode sim ser compartilhada. Embora a aproximação que o texto traz seja fruto de uma introspecção social, há necessidade da interação entre o leitor e o mundo que o cerca, de forma que o texto acabe produzindo



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

sentidos no leitor. O maior segredo literário é o envolvimento ímpar que a literatura proporciona no mundo das palavras. E cabe ao professor elaborar condições, estratégias para que ocorra o encontro entre a literatura e o aluno, buscando o sentido pleno do texto literário para o aluno e para a sociedade em que estão inseridos. Afinal, se quisermos formar leitores com toda a potencialidade da literatura, não basta apenas ler, pois a leitura por si só é simples e camufla a simplicidade em todos os envoltórios que existe no ato de ler e de ser letrado.

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (COSSON, 2016, p. 30).

No entanto, conforme mencionado anteriormente, são necessárias estratégias para ir além do ensino. As leituras dos textos literários são tão importantes quanto as respostas construídas para a leitura, e o letramento literário deve conter práticas de sala de aula para ser contemplado. A literatura é uma atividade discursiva e o seu funcionamento deve ser entendido de forma crítica pelo aluno. O professor tem como função consolidar essa disposição crítica, levando seu discente a ir além da simples utilidade dos textos literários. Uma das estratégias seria não restringir a seleção de leitura apenas ao cânone, uma vez que este é fundamentado por uma escolha quase sempre arbitrária. O cânone pode e deve ser utilizado no âmbito escolar, porém o docente pode ir além dele.

É preciso que a aprendizagem da literatura concretize uma ação contínua de leitura, considerando as mais diversas situações e objetivando o aumento e o fortalecimento do repertório cultural do aluno, ressaltando que tanto as práticas escolares quanto as obras selecionadas devem acompanhar esse movimento. Sendo assim, vemos que é por meio da leitura literária que se tem o contato com os múltiplos tipos de textos, pois é próprio das obras literárias a diversidade de formas e a pluralidade de temas, tendo como fronteira a própria capacidade humana de significar.

Sob essa ótica, destacamos a inserção da literatura fantástica no processo de letramento literário. Desde o extraordinário explícito, até formas mais sutis e complexas, as manifestações do fantástico podem abarcar diferentes características, o que nos impede de classificar ou categorizar uma vertente abrangente. No entanto, na contemporaneidade (e aqui podemos trazer o início do processo de industrialização europeu como importante marco), “a narrativa fantástica passou a tratar de assuntos inquietantes para o homem atual: os avanços tecnológicos, as angústias existenciais, a opressão, a burocracia, a desigualdade social” (LOURENÇO; MOURA, 2009, p. 02). Assim, essa narrativa vai além do caráter de entretenimento para revelar as adversidades e angústias dos dias atuais.

Rodrigues (1988, p. 31), partindo da perspectiva de Tzvetan Todorov, coloca que o fantástico é definido a partir do efeito de “incerteza e de hesitação” que é provocado no leitor perante a um fato sobrenatural. A autora mostra ainda que, segundo Bressiére, o fantástico é caracterizado por uma dupla ruptura entre “a da ordem do cotidiano e a do sobrenatural”. Ainda em relação ao fantástico, Todorov aponta que ele ocupa o tempo da incerteza entre o mundo



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

em que se conhece e o da ilusão dos sentidos, imaginação: “o fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural. O conceito fantástico se define pois com a relação ao real e imaginário” (TODOROV, 1980, p. 16).

Já considerando o cunho social da literatura, o fantástico também pode ter essa função ao trabalhar com a condição social humana. “Abandona-se, assim, o fantástico ligado ao terror, ao sobrenatural para se efetuar um tratamento de temas sociais” (MARTINS, 2006, p. 47), ao fornecer certas respostas aos anseios humanos existentes em um mundo cada vez mais caótico, e levando o leitor a encontrar na fantasia a fuga do que não se pode realizar no mundo real:

Se no mundo real não podemos realizar os nossos desejos, eles terão de ser criados na fantasia. É nessa necessidade de realização dos desejos, de modificarmos a realidade vigente, de subvertermos o real, que assenta o papel social do escritor que opta, deliberadamente, pelo texto fantástico. E o escritor não se faz de rogado, dado que aproveita a capacidade subversiva do discurso fantástico (MARTINS, 2006, p. 48).

Martins (2006) ainda salienta que o fantástico polemiza ao propiciar o surgimento de uma literatura conflitante, não só por transformar a realidade empírica, mas por colocar em dúvida suas fronteiras e seus costumes. Por esse motivo, tal vertente pode ser considerada como subversiva ao romper com as normas e com a realidade racional, levantando importantes críticas aos valores sociais e morais. Além disso, Todorov (1980) nos mostra que a literatura fantástica é uma variedade em meio aos diversos tipos de gêneros literários existentes. A sua força motriz são os acontecimentos impossíveis de serem desvendados pela razão humana, pois a partir do fato ocorrido pode-se chegar a duas respostas: ou os acontecimentos são produtos da imaginação sem alterar as leis naturais do mundo real ou os acontecimentos ocorreram na realidade e são regidos por fatores desconhecidos.

Dessa forma, “o fantástico ocupa o tempo da incerteza. [...] É a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 1980, p. 15). O fantástico transita, de acordo com esse autor, pela incerteza que o leitor tem com os fatos acontecidos. Sua percepção se introduz no texto da mesma forma que as ações dos personagens. A vacilação do leitor é, pois, a primeira condição do fantástico, mas para que isso ocorra o leitor deve se identificar com um personagem específico e tomar uma atitude particular perante o texto. O certo é que os fatos acontecidos não possuem uma explicação plausível, pois as viagens dimensionais, as duplicidades e a incerteza entre real e imaginário são o tempo todo utilizadas para expressar esse gênero.

Pereira e Khalil (2008) discorrem que a literatura fantástica surge em torno dos séculos XVII e XIX, momento em que o movimento positivista dá força à enigmática relação entre real e imaginário. A sua origem nesse determinado contexto histórico “teve como pressuposto o alongamento da realidade interior e exterior do homem, podendo ser representada pela linguagem, por assim dizer, pela literatura” (PEREIRA; KHALIL, 2008, p. 04). No entanto, o fantástico expõe os acontecimentos sociais em detrimento da realidade e do mundo ficcional, assim, instaurando-se nas fronteiras do real (realidade, tudo que se tem conhecimento) e do



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

irreal (imaginário/fictício, que existe na imaginação). Dessa forma, o fantástico se dá na hesitação entre esses dois polos.

Diferentes leituras e concepções levam-nos a concluir que não podemos conceituar a literatura fantástica. Entretanto, há um elemento que deve estar sempre presente, a saber, a verossimilhança. Esse tipo de narrativa deve ser sempre verossímil para que mantenha seu funcionamento e consiga alcançar seu efeito no leitor. O verossímil é algo que toda malha ficcional exige para que o seu desenvolvimento seja satisfatório, e quanto à malha fantástica: “a narrativa fantástica está ambientada, então, em uma realidade cotidiana que ela constrói com técnicas realistas e ao mesmo tempo destrói, inserindo nela outra realidade, incompreensível pela primeira” (ROAS, 2014, p. 54), e assim evitando discrepâncias entre o mundo ficcional e o mundo vivido.

Após deslindar diferentes teorias, encontramos-nos mais seguras para afirmar que ainda que o insólito deva irromper na narrativa fantástica, coadunamos com teóricos que afirmam ser importante que essa vertente levante questões sociais, bem como os desencantos humanos, tendo como foco principal a empatia do ser humano em relação a sua sociedade. Por seu turno, em se tratando do conto fantástico no espaço escolar, percebemos o quanto esse tipo de narrativa ainda é pouco explorado, talvez por abordar temas que sejam considerados tabus na sociedade, como a morte, a tristeza ou ritos de passagem, por exemplo. Desse modo, cabe a nós pesquisadores, tentar fomentar textos que favoreçam esse debate.

Retomando nossos apontamentos sobre a formação do leitor e das práticas de letramento, reafirmamos a relevância do fantástico e de sua ação conflitiva entre o real e o impossível (ROAS, 2014). Assim, o fantástico se instaura como entrelugar, local onde a contradição aparece em suas diferenças, buscando similaridade e identificação. Nessa acepção, percebemos essa literatura como a possibilidade de o leitor experimentar uma realidade diferente da sua. Um mundo repleto de situações e cenários insólitos. Todas essas narrativas conseguem transportar o leitor para outro mundo.

Valendo-se de todas as informações acima, percebemos a extensão da importância da literatura fantástica para o desenvolvimento do leitor literário, uma vez que é ela quem contribui para a formação do leitor. Ela é terreno fértil cultural, idealizadora de um novo futuro que colabora com a conscientização e a transformação humana. O fantástico possibilita ao leitor experimentar momentos imagináveis e uma grande identificação com o(s) personagem(ns), além de uma reflexão sobre o seu mundo real.

O papel do fantástico não é, de maneira alguma, dar à criança receitas de saber e de ação, por mais exatas que sejam. A literatura fantástica e poética é, antes de tudo e indissociável, fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, fontes de espírito crítico, porque toda descoberta de beleza nos torna exigente e, pois, mais crítico diante do mundo. E porque quebra clichês e estereótipos, porque essa re-criação que desbloqueia e fertiliza o imaginário pessoal do leitor, é que é indispensável para a construção de uma criança que, amanhã, saiba inventar o homem (HELD, 1980, p. 234).

Assim, como bem coloca Held (1980), o fantástico nos é mostrado como a origem sobre as reflexões individuais e mundanas, formando um leitor que questiona o seu mundo real e conseqüentemente aguçando a sua imaginação.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Considerações finais

Diante da presente discussão, pudemos observar a complexidade não apenas na noção de letramento como do próprio letramento literário e as potencialidades do insólito. Pensar sobre as práticas de letramento em consonância com a literatura fantástica demanda uma vasta pesquisa no que concerne aos estudos da linguagem, considerando também aspectos sociais e históricos. Vimos, pois, que o termo *letramento* envolve dois acontecimentos diferentes: a leitura e a escrita, as quais envolvem múltiplas habilidades. Considerando as habilidades, os comportamentos e os conhecimentos do ato da leitura e da escrita, podemos inferir que há diversos tipos e níveis de letramento, os quais englobam o contexto sociocultural em que o indivíduo está inserido. Logo, as práticas de letramento solicitam uma atividade indireta capaz de manipular a cultura e o indivíduo que não comandam os códigos ‘grafocêntricos’. Assim, letramento se torna uma metodologia mais extensa que a alfabetização, não excluindo sua ligação íntima e influenciada pela escrita.

Durante nossas pesquisas, vimos também que, dentro da sala de aula, há confusões nos conceitos de alfabetização e letramento. Alguns docentes afirmam que o letramento só pode ser introduzido após a alfabetização e contrariamente, em outros casos, professores dão preferência a interações com os textos, mas deixando de lado as técnicas da alfabetização, o que atrapalha gravemente a aprendizagem e a habilidade da leitura e da escrita. Por isso, é essencial reconhecer a sala de aula como ambiente mediador do domínio e da capacidade dos mais diversos tipos de leitura e escrita no contexto social.

Nesse viés, quando se fala em leitura e escrita, precisamos entender que elas se encontram dentre os bens culturais da sociedade letrada, onde os indivíduos ou os grupos sociais não só devem ter acesso a elas, como também devem apropriar-se delas, participando da cultura escrita: condição necessária para a mudança da visão do indivíduo e do grupo social. No entanto, seu uso, significado e função modificam com o tempo, dependendo do grau de desenvolvimento da sociedade, além de terem surgido técnicas e processos de ensino distintos, podendo ser implicados/abrangidos individual ou socialmente.

Depreendemos, então, o quão trabalhoso é, para os profissionais da educação, questionar as práticas utilizadas e verificar se elas conseguem comportar as novas teorias e concepções de ensino-aprendizagem. Dessa forma, surgem/surgiram várias dúvidas e obstáculos para o desenvolvimento de didáticas que introduzam a definição do letramento. Para alfabetizar letrando, deve-se adotar práticas e posturas que levem o aluno a não apenas decodificar os símbolos linguísticos, mas que os domine em diversos contextos sociais. A forma de trabalho do professor é de extrema importância, pois é a partir dela que o indivíduo construirá os seus conhecimentos e habilidades, o que lhe favorecerá o uso concreto do ler e escrever. Assim, acreditamos que a vertente fantástica surge como potente ferramenta capaz de, em meio as narrativas literárias, possibilitar ao leitor a ampliação de seus horizontes, assim como a aceção do impacto da realidade que pode ser suprimido pelo universo imaginário do conto, por exemplo.

Referências



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016. 139 p.

HELD, Jacqueline. **O Imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. 7. ed. São Paulo: Summus, 1980.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. 2 ed. Campinas: Mercado das Letras, 1995. 294 p.

LOURENÇO, Daiane da Silva; MOURA, Wilson Rodrigues. A Função do Fantástico nos Contos de Murilo Rubião. In: IV Encontro de Produção Científica e Tecnológica, 2009, Campo Mourão, PR. **Anais...** Campo Mourão: FECILCAM/NUPEM, 2009. p. 1-12.

Disponível em:

<http://www.fecilcam.br/nupem/anais_iv_epct/PDF/linguistica_letras_artes/01_LOUREN%C3%87O_MOURA.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2020.

MARTINS, Antônio José Marques. **O universo fantástico na produção contista de Mia Couto: Potencialidade de leitura em alunos do ensino básico**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ensino da Língua e da Literatura Portuguesas) – Universidade de Trás-os-montes e Alto Douro, Vila Real.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004. 136 p.

PAIVA, Aparecida; RODRIGUES, Paula Cristina de Almeida. Letramento literário na sala de aula: desafio e possibilidades. In: MACIEL, Francisca Izabel Pereira; CASTANHEIRA, Maria Lucia; MARTINS, Raquel Márcia Fontes (Orgs.). **Alfabetização e letramento na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 103-120.

PEREIRA, Aline Brustello; KHALIL, Marisa Martins Gama. O Espaço e o Fantástico na Obra de Edgar Allan Poe. **Revista Horizonte Científico**. v. 2, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/download/4025/3001>>. Acesso em: 04 jul. 2020.

ROAS, David. **A Ameaça do Fantástico: aproximações teóricas**. São Paulo: Unesp, 2014. 215 p.

RODRIGUES, Selma Calasans. **O fantástico**. São Paulo: Ática, 1988. (Série Princípios)

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 124 p.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995. 103 p.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Digital Source. 1980. Disponível em: <<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>>. Acesso em: 30 mai. 2020.

ZILBERMAN, Regina. Leitura literária e outras leituras. In: BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (Orgs.). **Leitura: práticas, impressos, letramentos**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005. p. 71-88.